

# APONTAMENTOS SOBRE A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO CRÍTICO-DESCOLONIAL PARA A CONCEPÇÃO DE UM HORIZONTE *OUTRO*

Edgar César Nolasco<sup>1</sup>  
Francine Carla de Salles Cunha Rojas<sup>2</sup>

Precisamos aprender a falar do *bios* e do corpo [...].

NOLASCO, 2018, p. 19.

Escrever é confrontar nossos próprios demônios, olhá-los de frente e viver para falar sobre eles. O medo age como um imã, ele atrai os demônios para fora dos armários e para dentro da tinta de nossas canetas.

ANZALDÚA, 2000, p. 234.

## RESUMO

Apresento o início da minha pesquisa de doutorado, cujo objetivo é o de conceituar o ensaio biográfico fronteiro. A reflexão desenvolvida, que emerge de um lugar e de um momento histórico específico, reflete o compromisso teórico e ético em pensar e escrever sobre viver, pesquisar e teorizar *a partir da* fronteira e em contexto no qual existências específicas são continuamente atacadas. Nesse sentido, entendo que o ensaio biográfico fronteiro caracteriza-se por noções que emergem da experiência de *ser/estar/sentir* a exterioridade criada pela modernidade/colonialidade como opção pela vida, compromisso com a teoria e consciência crítica.

**Palavras-chave:** ensaio biográfico, opção pela vida, consciência crítica, horizonte crítico.

A mudança que efetuei em relação às pesquisas realizadas durante a graduação, como bolsista de iniciação científica (PIBIC), e no decorrer do mestrado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul<sup>3</sup>, caracteriza-se pela necessidade de pensar

---

<sup>1</sup> Professor da graduação em Letras e da pós-graduação em Estudos de Linguagens da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) em Campo Grande (MS). Coordenador do grupo de pesquisa NECC (Núcleo de Estudos Culturais Comparados). E-mail: [ecnolasco@uol.com.br](mailto:ecnolasco@uol.com.br). Orcid iD 0000-0002-8180-585X.

<sup>2</sup> Graduada em Letras, mestre e doutoranda em Estudos de Linguagens pela UFMS, em Campo Grande (MS). Membro do grupo de pesquisa NECC. E-mail: [lucia\\_jbc@hotmail.com](mailto:lucia_jbc@hotmail.com) Orcid iD: 0000-0002-1647-699X.

<sup>3</sup> As pesquisas as quais me refiro são as que realizei, tendo como “objeto” o livro *Cartas perto do coração* (2013), que contém as correspondências trocadas entre os escritores Fernando Sabino e Clarice Lispector. Durante a graduação e o mestrado, refleti sobre as noções de amizade, arquivo, literatura e documento que se desprendiam do livro de cartas, embasada pela crítica biográfica, por meio dos apontamentos de Eneida Maria de Souza, pela desconstrução Derridiana e pelo que chamei, na época, da emergência de um

e escrever sobre as consequências da modernidade/colonialidade que percebo com maior clareza nos espaços acadêmicos (a Universidade que frequento, as revistas da minha *área* de formação e similares e os eventos nos quais apresento), nos lugares pelos quais costumo transitar e, sobretudo, em um Brasil no qual emergem discursos autoritários pautados por formas de desconsiderar o *outro* na sua diferença (refiro-me à misoginia, ao machismo, ao racismo, em suma, às consequências da modernidade/colonialidade). Grosso modo, quero refletir sobre essa mudança na minha trajetória crítica, como percebo que tal mudança está relacionada ao ensaio biográfico fronteiro como sintoma de quem o pensa, sobre como a teorização descolonial é, para mim, “[...] uma força de pensamento” (MIGNOLO, 2003, p. 31)<sup>4</sup> e, sobretudo, quero pensar três propostas conceituais (consciência crítica, opção pela vida e compromisso com a teoria) que me auxiliam no trânsito epistemológico de um projeto moderno, portanto dentro da proposta de “[...] acumulação de conhecimento” (NOLASCO, 2019, p. 22), para um horizonte crítico descolonial, que nasce *a partir da* proposta de “[...] fortalecer o inconformismo perante a injustiça” (SANTOS, 2019, p. 154).

Na esteira dessa mudança, as epígrafes de Edgar César Nolasco e Gloria Anzaldúa auxiliam-me a estabelecer o tom dos meus apontamentos e do projeto que desenvolvo, visto que evocam o processo de teorizar por meio da escrita o meu corpo, minhas experiências e o *locus a partir do* qual falo, a dizer, a fronteira sul, uma vez que “[...] a linguagem está entrelaçada no corpo e na memória [...]” (MIGNOLO, TLOSTANOVA, 2009, p. 02)<sup>5</sup>. Portanto, de formas diferentes, Edgar Nolasco e Gloria Anzaldúa me ajudam a perceber que um projeto que se entende descolonial é atravessado pela escrita do corpo não como *corpus* moderno/colonial, mas como uma

---

pensamento crítico-biográfico pós-ocidental. No final do mestrado, minha dissertação foi intitulada “CLARICE / FERNANDO / FRANCINE: amizadas de entrevistas críticas”. Vale mencionar que o diálogo com a teorização descolonial se iniciou no mestrado por meio de disciplinas cursadas como “Literatura Comparada” e “Memória e Narrativa”, além de, como outrora mencionada, construir o texto em si da dissertação através da crítica biográfica pós-ocidental. Anos depois, ao elaborar um projeto de pesquisa voltado para o ensaio biográfico fronteiro, voltei minha atenção para a crítica biográfica fronteira e as questões atinentes à epistemologia fronteira, horizonte crítico pluriversal e opção pela vida.

<sup>4</sup> No original: “[...] descolonizar es una fuerza del pensamiento [...]” (MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana <<Un paradigma otro>>: colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico, p. 31, tradução livre).

<sup>5</sup> No original: “[...] el lenguaje está entrelazado en el cuerpo y en la memoria (localizada geohistóricamente) de cada persona” (MIGNOLO; TLOSTANOVA. Habitar los dos lados de la frontera / teorizar en el cuerpo de esa experiencia, p. 03).

forma de confrontar *nossos próprios demônios* (ANZALDÚA, 2000) e as feridas coloniais/abertas (MIGNOLO, 2017; ANZALDÚA, 2005) para as quais procuro formas de cura. Vale mencionar que tais formas não correspondem ao esquecimento da genealogia dessas mesmas feridas e sim implicam em *possibilidades, caminhos ou horizontes críticos* em que a ferida colonial/aberta não é o ponto em que termina a existência, mas o começo do desenvolvimento da consciência crítica e, por conseguinte, da minha teorização. Visto que meu projeto acerca do ensaio biográfico fronteiriço assume que teorizar é uma forma de cura, é necessário ressaltar que a minha perspectiva de entendimento engloba a cura como um processo pelo qual os corpos que sentem nas *suas/minha pele(s)* as consequências da modernidade/colonialidade “[...] se reconciliam com a vida e com o mundo sem se renderem à reconciliação com a injustiça e com o sofrimento injusto” (SANTOS, 2019, p. 231).

Nesse sentido, justifico o título que encampa minhas considerações, uma vez que abrange a *alma* (NOLASCO, 2018) do projeto que desenvolvo. A base desse projeto encontra em uma imagem evocada por Walter Mignolo, no prefácio à edição castelhana de seu *Histórias locais/projetos globais* (2003), sua subsistência, refiro-me ao “[...] grito do sujeito [...], das vidas que gritam através do sujeito, as misérias a que foram levadas por anos de colonialismo e, ultimamente, de civilização neoliberal”(MIGNOLO, 2003, p. 19-20, grifo meu)<sup>6</sup>. Há um bom tempo essa imagem me acompanha, pois vejo-me constantemente pensando nas *vidas que gritam* e entendo que a permanência/recorrência dessa imagem nasce do que descrevo como revolta com aquilo que causa o “[...] silêncio que grita [...]” (MIGNOLO, 2003, p. 26)<sup>7</sup>. Nesses termos, a repetição e recorrência são os termos escolhidos por meio dos quais teorizo, em síntese, as repetições dessas imagens são os caminhos pelos quais transito no espaço acadêmico da UFMS, no NECC (Núcleo de Estudos Culturais Comparados) e na vida, uma vez que evocam e traduzem a ideia de revolta social, política, cultural e epistêmica.

---

<sup>6</sup> No original: “[...] en el grito del sujeto [...], de las vidas que gritan, a través del sujeto, las miserias a las que fueron llevadas por años de colonialismo y, ultimamente, de civilización neoliberal” (MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana <<Un paradigma otro>>: colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico (2003, p. 19-20, tradução livre, grifo meu).

<sup>7</sup> No original: “[...] el silencio que grita [...]” (MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana <<Un paradigma otro>>: colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico (2003, p. 26, tradução livre).

Tempos depois soma-se à metáfora concebida por Walter Mignolo acerca das histórias locais *suprimidas* do sujeito marginalizado, o grito dos *abissalmente excluídos* mencionados por Boaventura de Sousa Santos em *O fim do império cognitivo* (2019). De acordo com o crítico, “*O grito é o som original dos abissalmente excluídos, o primeiro passo na direção da resistência*” (SANTOS, 2019, p. 145, grifo meu). Dessa forma, a relação entre as vidas que *gritam* por meio do sujeito e o grito daqueles que são *abissalmente excluídos* culmina na concepção de um projeto *outro* de doutorado em que a percepção das feridas coloniais/abertas ocasionadas pelos nós histórico-estruturais (MIGNOLO, 2017) indica que a modernidade/colonialidade percebe e perpetua a “Exclusão entendida como ordem e solidariedade entendida como caos” (SANTOS, 2019, p. 72).

O contexto da minha mudança crítico-teórico-afetiva é o de perceber e entender que tal percepção da modernidade/colonialidade assim como outras feridas coloniais/abertas, sobre as quais daqui a pouco me deterei, torna-se possível através da consciência crítica (HOOKS, 2019) / consciência fronteiriça (NOLASCO, 2019, p. 15) que me atravessa. Falo da consciência crítica/fronteiriça, pois é imprescindível para o meu projeto não endossar o coro dos contentes, isto é, replicar a modernidade/colonialidade e suas teorias ao mesmo tempo em que tal conceito implica na experiência de habitar os dois lados da fronteira (MIGNOLO, TLOSTANOVA, 2009). Em suma, com isso quero dizer que o ensaio biográfico fronteiriço se calca na consciência crítica de saber que, por muito tempo, fiz parte da retórica da modernidade/colonialidade, seja dentro do espaço acadêmico em meio às lições de teóricos de grandes centros, seja no dia a dia, endossando formas de aprendizagem que privilegiam o acúmulo de conhecimento em detrimento de um pensamento crítico.

Em *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*<sup>8</sup> (2019), bell hooks desenvolve duas noções caras à minha mudança epistêmica, são elas “erguer a voz” e,

---

<sup>8</sup> Entendo que o livro de Bell Hooks é atravessado pela experiência de ser negra nos Estados Unidos, contudo, valho-me de alguns de seus apontamentos, visto que sua proposta de “consciência crítica” e “erguer a voz” são relevantes para se pensar o meu processo de mudança epistemológica, o qual é atravessado pela *consciência crítica* das feridas coloniais que percebo no lugar em que penso, escrevo e vivo. Além do mais, as considerações de Hooks estão em consonância com a teorização descolonial, fato ressaltado por Walter Mignolo no prefácio à edição castelhana de *Histórias locais/projetos globais* (2003), nesse texto, o crítico argentino comenta que sua proposta de *paradigma outro* está em consonância com o pensamento crítico das mulheres de cor como Gloria Anzaldúa, bell hooks, Norma Alarcón etc. Cf. MIGNOLO, Walter. Prefacio a la edición castellana <<Um paradigma outro>>:

conforme já mencionei, “consciência crítica”. Trata-se, sob o olhar da autora, de um processo no qual devemos “[...] enfrentar o opressor em potencial dentro de nós [...]” (HOOKS, 2019, p. 60) e em que “[...] precisamos resgatar a vítima em potencial dentro de nós” (HOOKS, 2019, p. 60). Para tanto, erguer a voz trata de um processo no qual figuras de autoridade são desafiadas por vozes marginalizadas. No contexto do meu projeto, erguer a voz é o “[...] processo pelo qual deixamos de nos ver como objetos para agir como sujeitos” (HOOKS, 2019, p. 71) e o primeiro passo para o desenvolvimento da consciência crítica e na construção de um horizonte crítico descolonial. Trata-se, nesses termos, de *erguer a voz* contra a modernidade/colonialidade e suas consequências percebidas na tríplice fronteira contra o que Walter D. Mignolo e Madina Tlostanova chamaram de a “[...] implacável marcha da civilização” (MIGNOLO, TLOSTANOVA, 2009, p. 01)<sup>9</sup>.

Para o desenvolvimento dessa consciência crítica, são essenciais dois apontamentos feitos por Edgar César Nolasco, em “Descolonizando a pesquisa acadêmica: uma teorização sem disciplinas” (2018), são eles “[...] o *bios* é histórico” (NOLASCO, 2018, p. 13) e “[...] pesquisa tem alma” (NOLASCO, 2018, p. 19), isso porque ambos me auxiliam a pensar as feridas coloniais (MIGNOLO, 2017) / abertas (ANZALDÚA, 2005) e me ajudam a pensar e escrever sobre a revolta que sinto com a retórica da modernidade/colonialidade. Penso e escrevo sobre as feridas e os nós histórico-estruturais justamente porque meu *bios* é histórico e, nesse sentido, emerge de um contexto histórico-cultural-educacional-político específico. Pensar e escrever sobre a mudança que me atravessa no campo da pesquisa universitária, é evocar o sentimento de revolta com a constatação de Boaventura de Sousa Santos, em *O fim do império cognitivo* (2019), segundo o qual “Vivemos num período no qual as mais repugnantes formas de desigualdade e de discriminação estão se tornando politicamente aceitáveis” (SANTOS, 2019, p. 07).

Nesses termos, a escolha pela mudança de projeto é também subsidiada pelas circunstâncias histórico-político-culturais-educacionais que, em contexto geral, o Brasil

---

colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico. In: *Historias locales/diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Trad. Juan María Madariaga y Cristina Veja Solís. Madrid: Ediciones Akal (2003. p. 29).

<sup>9</sup> No original: “[...] la línea indicadora del último punto en la implacable marcha de la civilización” (MIGNOLO; TLOSTANVA. *Habitar los dos lados de la frontera / teorizar en el cuerpo de esa experiencia*, p. 01).

atravessa e, de forma específica, transpassa a tríplice fronteira. Com isso quero dizer que a pesquisa que desenvolvo acerca do ensaio biográfico fronteiriço é uma resposta epistêmica a esse momento ao mesmo tempo em que se trata de construir pontes de esperança entre a academia e a comunidade externa, ou seja, trata-se de ajudar a “[...] construir um mundo onde muitos mundos se encaixam” (MIGNOLO, 2003, p. 58)<sup>10</sup>, a fim de que a teorização descolonial não seja um exercício apenas praticado na Universidade. Encontro na trajetória que até agora construí no espaço acadêmico, no convívio e no diálogo com amigos pesquisadores, na revolta experienciada pelas consequências da modernidade/colonialidade que graçam desse lado da fronteira o elo entre *bios* e escrita, no sentido que encontro na minha trajetória os termos da minha escrita, o motivo pelo qual penso e escrevo e uma forma de “[...] *manter vivo o espírito da minha revolta* e a mim mesma também” (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

Escrever sobre aquilo que me perturba, os reflexos da modernidade/colonialidade, é a possibilidade escolhida para manter vivo e atuante, tal como me recorda Anzaldúa, o espírito da minha revolta e a mim mesma. Visto que, outrora, preocupava-me em teorizar nos termos da amizade do arquivo tal como concebidos por Jacques Derrida e de teóricos que, em sua maioria, falavam a partir da experiência de ser homem, branco, europeu/norte-americano, que pensa e teoriza dentro do seio acadêmico/cultural hegemônico e não da *experiência* de ser mulher, latina, que fala/pensa/escreve *a partir* de um centro acadêmico fronteiriço, percebo que a minha consciência crítica está ligada ao que me “[...] liga à vida, a sensação do corpo, a imagem vista, a expansão da psique em tranquilidade: momentos de alta intensidade, seus movimentos, sons, pensamentos. *Mesmo se estivermos famintas não somos pobres de experiências*” (ANZALDÚA, 2000, p. 235).

Quando aponto que aquilo que teóricos europeus e norte-americanos escrevem em termos de teoria não contempla *a experiência* que me atravessa não é no intuito de ignorar o arcabouço teórico-crítico desses autores, é porque quero e preciso *desaprender* tais lições significativas para a minha formação intelectual com o propósito de teorizar nos meus próprios termos. Pensar dessa forma *outra* indica que “Desaprender não

---

<sup>10</sup> No original: “[...] construir un mundo donde quepan muchos mundos” (MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana <<Un paradigma otro>>: colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico, p. 58).

significa esquecer. Significa lembrar de um modo diferente” (SANTOS, 2019, p. 225), ou seja, desaprendo que, como nos ensinou a modernidade/colonialidade, existem “lugares de estudo” (MIGNOLO, 2003, p. 22)<sup>11</sup> e “lugares de pensamento” (MIGNOLO, 2003, p. 22)<sup>12</sup> para voltar meu olhar para o *lócus* no qual vivo, penso e habito.

Na medida em que o meu novo projeto de doutorado reflete a necessidade de responder questões como a emergência de discursos autoritários, as consequências da modernidade/colonialidade e a relação da tríplice fronteira com a teorização descolonial, evidencia-se que a consciência crítica emerge em diálogo com a opção pela vida. A proposta relaciona-se a uma opção fundamentada nas *vidas que gritam através do sujeito* e nas histórias “de memória, de dor, de línguas e saberes diversos” (MIGNOLO, 2003, p. 22)<sup>13</sup> que imperam na fronteira sul, não no discurso sobre a vitalismo da filosofia europeia (MIGNOLO, 2003). Ressalto que a mudança de projeto é acompanhada pela consciência de que esse discurso crítico é um compromisso que contraio e que objetiva “[...] pensar melhor o outro, a vida desse outro, passando, como condição necessária, por nós mesmos [...]” (NOLASCO, 2018, p. 16). Vale mencionar que aqui *pensar melhor o outro* nunca corresponderá a *pensar pelo outro*. Na seara acadêmica, minha tese assume o compromisso de escutar as vidas que gritam por meio desse o outro (fronteirício) / e por meio da pesquisadora, posto que a condição a partir da qual falo e penso “[...] *cria e preza a vida* (MIGNOLO) das pessoas, dos seres e da natureza [...]” (NOLASCO, 2019, p. 14).

A mudança de projetos entre o mestrado, o primeiro doutorado (em que desenvolveria trabalho semelhante ao do mestrado, mas dessa vez voltado para o livro *Cartas na mesa*, que compreende as cartas que Fernando Sabino enviou para os amigos Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos e Hélio Pellegrino) e o doutorado ao qual agora estou vinculada ocorreu porque *senti* com maior evidência as *feridas coloniais* sobre as quais não poderia falar em um projeto que, a exemplo do que me interessava

---

<sup>11</sup> No original: “lugares de estudio” (MIGNOLO, Prefacio a la edición castellana <<Un paradigma otro>>: colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico, p. 22).

<sup>12</sup> No original: “lugares de pensamiento” (Prefacio a la edición castellana <<Un paradigma otro>>: colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico, p. 22).

<sup>13</sup> No original: “[...] de memoria, de dolor, de lenguas y saberes diversos” (MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana <<Un paradigma otro>>: colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico, p. 22, grifo meu).

trabalhar anteriormente, era essencialmente moderno, *percebi e entendi* que desenvolver um novo projeto comprometido com um novo horizonte crítico descolonial em que tais feridas não seriam duplicadas, mas pensadas como parte da minha trajetória *a partir das* quais teorizo requer “[...] o ponto existencial no qual razões e emoções se encontram com vista a alimentar a vontade e a capacidade de lutar contra a dominação e a opressão” (SANTOS, 2019, p. 11).

As feridas sobre as quais me interessa falar por meio do projeto são aquelas que derivam do que Walter Mignolo chamou de nós histórico-estruturais e que Gloria Anzaldúa, em *Borderlands/La frontera: la nueva mestiza*(2005) entende como marco da modernidade/colonialidade, a fronteira entre os Estados Unidos e o México: “[...] é uma *ferida aberta* onde o Terceiro Mundo se arranha contra o primeiro e sangra. E antes que se forma uma casca, volta a hemorragia, a seiva vital de dois mundos que se funde para formar um terceiro país, uma cultura de fronteira” (ANZALDÚA, 2005, p. 42, grifo meu)<sup>14</sup>. Em “Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade” (2017), Mignolo discorre sobre a matriz da modernidade/colonialidade e os 12 nós histórico-estruturais que a sustentam. Desse total, interesse-me, a princípio, por quatro e tal escolha por abordar esses quatro nós histórico-estruturais específicos se, por um lado, circunscreve os outros nós a um aparente segundo plano, por outro lado justifica-se, pois percebo as hierarquias de gênero/sexo global (MIGNOLO, 2017, p. 11), de língua (MIGNOLO, 2017, p. 11), epistêmica (MIGNOLO, 2017, p. 11) e a concepção do “sujeito moderno” (MIGNOLO, 2017, p. 11-12) como referência para estabelecer os conceitos de humano/humanidade em maior evidência no contexto *a partir do qual* falo. Esses nós recordam que, na grande narrativa salvífica e desenvolvimentista da modernidade/colonialidade, uma linha divisória foi traçada na qual, de um lado, os

---

<sup>14</sup> No original: “La frontera entre Estados Unidos y México es *una herida abierta* donde el Tercer Mundo se araña contra el primero y sangra. Y antes de que se forme costra, vuelve la hemorragia, la savia vital de dos mundos que se funde para formar un tercer país, una cultura de frontera” (ANZALDÚA. *Borderlands / La frontera: na nueva mestiza*, p. 42, grifo meu).



protagonistas<sup>15</sup> da modernidade/colonialidade re-afirmam suas existências e do outro, “[...] as vidas que gritam [...]” (MIGNOLO, 2003, p. 19-20)<sup>16</sup> são marginalizadas.

A crítica biográfica fronteira e as feridas coloniais (MIGNOLO, 2017) / abertas (ANZALDÚA, 2005) me recordam que falo, penso e escrevo sob a égide de uma noção de compromisso (ético, teórico e político) que encontra em Homi Bhabha (2006) e Boaventura de Sousa Santos (2020) suas bases. Em *O fim do império cognitivo* (2019), Sousa Santos comenta que o conhecimento não se desenvolve unicamente baseado em escolhas analíticas, argumentos e conceitos *racionais* (dentro do que a modernidade entende por razão) por isso mesmo “O compromisso ativo ocorre sempre em contextos afetivos, emocionais” (SANTOS, 2019, p. 149). Por sua vez, em *O local da cultura* (2013), Homi Bhabha entende que a questão do compromisso com a teoria se relaciona a um processo agnóstico no qual práticas como dissenso, alteridade e outridade são “[...] as condições discursivas para a circulação e o reconhecimento de um sujeito politizado e uma “verdade” pública” (BHABHA, 2013, p. 53). Na perspectiva de Bhabha, é necessário que o crítico/teórico adote como *modus operandi* de sua escrita um processo em que teorizar equivale a discordar da razão hegemônica ao mesmo tempo em que a percebe com desconfiança ao questionar seus paradigmas: “Pode a meta da liberdade de conhecimento ser a simples inversão da relação opressor e oprimido, centro e periferia, imagem negativa e imagem positiva? [...]” (BHABHA, 2013, p. 47). O conceito de compromisso assumido pelo projeto é resultante da confluência entre a proposta de Santos e Bhabha, no sentido de que, para responder os *legados coloniais* (MIGNOLO, 2020) e desenvolver discursos e práticas epistêmicas *outras*, é imprescindível a postura crítica frente às feridas coloniais tornada possível pela minha sensibilidade biográfica.

Na construção de um novo horizonte crítico, desejo, sobremaneira, assegurar que o ensaio biográfico fronteira é *uma* resposta, *uma* possibilidade dentro da pluriversalidade defendida pela perspectiva descolonial, mas trata-se da *resposta* que traduz a revolta sobre a qual falei, é aquela que, sob o formato de uma tese acadêmica,

---

<sup>15</sup> No artigo “Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política” (2008), Walter Mignolo comenta que a modernidade é uma narrativa de um período histórico escrito por aqueles que se perceberam como “reais protagonistas”. Cf. artigo no site: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/34/traducao.pdf>.

<sup>16</sup> No original: “[...] las vidas que gritan” (MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana <<Un paradigma otro>>: colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico, p. 19-20).

me possibilita falar e pensar sobre questões inter-relacionadas que compõem o meu centro de interesses, a emergência de discursos autoritários que ganham grande projeção na sociedade brasileira, a teorização descolonial e sobre como ela cria possibilidades de projetos pluri-versais, a ética, o compromisso teórico no âmbito acadêmico e fora dele, as feridas abertas e que ainda sangram, a relação (em termos teóricos e sociais) do Brasil com a teorização descolonial, e, em síntese, a criação de movimentos de esperanças nos quais as pessoas sintam e pratiquem a liberdade de pensar e teorizar *a partir de* suas experiências.

## REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo*. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>>. Acesso 22 jul. 2020.

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/la frontera: la nueva mestiza*. Trad. Carmen Valle. Madrid: Capitán Swing, 2005.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HOOKS, Bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Editora elefante, 2019.

MIGNOLO, Walter. Prefacio a la edición castellana <<Um paradigma outro>>: colonialidad global, pensamiento fronteirizo y cosmopolitismo crítico. In: *Historias locales / diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Trad. Juan María Madariaga y Cristina Veja Solís. Madrid: Ediciones Akal, 2003. p. 19 – 60.

MIGNOLO, Walter; TLOSTANOVA, Madina. *Habitar los dos lados de la frontera / teorizar en el cuerpo de esa experiencia*. Disponível em: <[https://www.redkatatay.org/sitio/talleres/mignolo\\_frontera.pdf](https://www.redkatatay.org/sitio/talleres/mignolo_frontera.pdf)>. Acesso 22 jul. 2020.

MIGNOLO, Walter. *Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade*. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n94/0102-6909-rbcsoc-3294022017.pdf>>. Acesso 22 jul. 2020.

NOLASCO, Edgar César. Descolonizando a pesquisa acadêmica: uma teorização sem disciplinas. In: *Cadernos De Estudos Culturais: tendências artísticas do século XXI*. Campo Grande – MS: Editora UFMS, v. 01, n. 19, jan./jun. 2018. p. 09 – 22.

NOLASCO, Edgar César. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul: exterioridades. IN: *Cadernos de Estudos Culturais: corpos epistêmicos*. Campo Grande – MS, v. 02, n. 22, jan./jun. 2019. p. 09 – 29.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

## NOTES ON THE CONSTRUCTION OF A CRITICAL- DESCOLONIAL PROJECT FOR THE DESIGN OF ONE HORIZON ANOTHER

### ABSTRACT

I present the beginning of my doctoral research, whose objective is to conceptualize the frontier biographical essay. The reflection developed, which emerges from a specific place and historical moment, reflects the theoretical and ethical commitment to think and write about living, researching and theorizing from the frontier and in a context in which specific existences are continually attacked. In this sense, I understand that the frontier biographical essay is characterized by notions that emerge from the experience of being / being / feeling the exteriority created by modernity / coloniality, as an option for life, commitment to theory and critical awareness.

**Keywords:** biographical essay, option for life, critical conscience, critical horizon.